

ALMEIDA, Edson Fernando de. **Do viver apático ao viver simpático**. Sofrimento e morte. São Paulo: Loyola, 2006. 188p.

From apathetic living to sympathetic living. Suffering and death

João Batista Libanio\*

Na base do livro, está uma tese doutoral. Imagina-se logo um texto pesado, carregado de academicismo. Nada disso. O impulso veio da pastoral. O destinatário é a pastoral. O pastor Edson, embora jovem, trabalha o sofrimento e a morte de maneira madura e profunda. Desenvolve atividade missionária junto a enfermos e tem enfrentado a dificuldade de encontrar palavras de alento e esperança tanto para quem se encontra na fragilidade da doença como para os parentes e pessoas que cuidam dos enfermos. De tal interesse pastoral, brotou-lhe a idéia de pesquisar o teólogo alemão J. Moltmann, que trabalhou a temática do sofrimento da morte a fim de iluminá-la intelectualmente e oferecer subsídios para o agir. O fruto da preocupação e pesquisa é a obra presente que servirá muito para todos nós. Uns porque já se encontram enfermos e sofridos, outros porque cuidam deles, e todos porque somos candidatos a uma ou outra situação.

Tanto mais importante o estudo quanto a cultura atual pretende afastar do cotidiano o sofrimento e a morte. O sofrimento físico vem sendo vencido pelos avanços dos analgésicos e o sofrimento psíquico tem encontrado nos psicotrópicos alívio e corretivo. A morte esconde-se cada vez mais nos hospitais e lá dentro nas tristes UTIs. Longe dos olhos, longe do coração. No entanto, sofrimento e morte são realidades humanas inelutáveis e que mais cedo ou mais tarde esbarram em todos os humanos. O pastor Edson mune-se de elementos teológicos e especialmente cristológicos no referente à cruz de Cristo, elaborados por J. Moltmann, para defrontar-se com tal problemática.

---

\* Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma; professor de Teologia Fundamental no Programa de Pós-graduação da FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte); membro do Núcleo de Estudos em Teologia da PUC Minas.

O teólogo alemão viveu a proximidade da morte de maneira extremamente dramática quando tinha 17 anos. Na última semana de julho de 1943, a RAF britânica executou violento bombardeio sobre a cidade de Hamburgo, na Alemanha, produzindo dezenas de milhares de mortos. E o adolescente Jürgen viu a seu lado muitos deles e ele vivo. Do terrível deste inferno humano, clamou aos céus: “Meu Deus, onde estás? Por que eu estou vivo e não morto como tantos outros?” Certamente alguém que passou por semelhante trágica situação tem motivação suficiente para mais tarde, como teólogo, buscar palavras que iluminem o drama humano do sofrer e morrer.

Para localizar o núcleo da tese, que é o confronto da compreensão da cultura moderna a respeito da morte e da dor com a teologia de J. Moltmann, o A. constrói, no primeiro capítulo, quadro cristológico amplo. Em rápido percurso histórico, inicia mostrando a passagem do Cristo do querigma para o Cristo do dogma no referente à mudança da linguagem histórico-narrativa para a conceitual-metafísica atingindo em Calcedônia (451) ponto alto. Acentua para as controvérsias cristológicas dos primeiros séculos que se viam provocadas pelas tendências opostas de afirmar a divindade de Jesus com descuido da humanidade e de reforçar a humanidade com risco de encurtar a divindade. O livro dá o salto para a cristologia moderna onde aparece a originalidade de Moltmann. Ele se afasta da perspectiva antropocêntrica com acento na auto-experiência existencial do indivíduo para atender às circunstâncias exteriores da sociedade e à dimensão escatológica. Acrescentem-se-lhe o caráter processual-dialógico e a *theologia crucis* de corte luterano. Sua reflexão, observa o A., é menos uma teoria sobre o ser divino do que uma *teopatía* do divino amor. Aí vai haurir elementos para trabalhar teologicamente a dor e a morte no mundo contemporâneo.

Caminhando para o núcleo da tese, dedica belo capítulo ao drama pascal. A morte e sofrimento de Jesus são interpretados como conseqüência da paixão radical de Jesus pela vida, pelo outro, por Deus. As circunstâncias externas da morte de Jesus não explicam o sentido profundo da paixão e morte de Jesus. Ele experimenta a morte do Filho de Deus. “Deus sofre o abandono de si mesmo, quando abandona Jesus crucificado. Porque, na cruz, Deus luta com Deus, Deus clama a Deus, Deus morre em Deus!” Afirmações fortes com que o A. resume o pensamento de Moltmann. Daí segue a conseqüência carregada de significado pastoral. “Assim, não há sofrimento que nessa história não seja convertido em sofrimento de Deus. Não há morte na história que não se converta em morte de Deus. E também não há felicidade nem alegria que não se integrem à eterna alegria e felicidade de Deus”.

O A. haure para esclarecer as noites de sofrimento e morte humanos luz que se irradia do mistério pascal do Senhor. Em última análise, somente o referencial fundamental da morte e ressurreição de Jesus dá sentido ao sofrer e morrer humanos em qualquer cultura que seja.

A atualidade de tal mensagem aumenta especialmente por vivermos na cultura do prazer e do consumo em que a dor e o sofrimento nos escandalizam e chocam. O A. mergulha nessa sociedade para fazer-lhe a radiografia sob a perspectiva do interdito do sofrimento e da morte. Predomina verdadeira repulsa pela morte em cultura marcada pelo individualismo e materialismo. Duas atitudes se mesclam. Esconder a morte e fazer dela tabu, objeto de proibição e vergonha. Ao mesmo tempo, processam-se a naturalização e a medicalização da morte, deslocando-lhe a dimensão de mistério para a de problema a ser resolvido pela técnica. Rouba-se a morte da família, do universo das relações afetivas. É transferida para as câmaras artificiais de controle – UTI – em que o doente entubado, sedado, é monitorado até o último instante nos sinais vitais como os de máquina em funcionamento, mas prestes a sofrer pane fatal.

O sofrimento cai sob a mesma lógica. A sociedade impõe compulsivamente o imperativo de ser feliz, que significa viver prazerosamente. Processa-se duplo anestesiamiento. Físico para as dores do corpo, psicossocial diante de qualquer dissabor humano. As mudanças se transferem do exterior para o interior de cada indivíduo. As realidades externas permanecem na mesma objetividade, mas interfere-se no sujeito para que não as sinta ou não se aflija com elas pela via química das medicinas anestésicas e psicotrópicas.

O último capítulo articula os dois quadros traçados nos anteriores: a teologia de J. Moltmann e a realidade moderna em relação à dor e à morte. Deus é afetado pelo sofrimento e pela morte. Existe *pathos* – dor e morte – em Deus. Revoluciona o conceito de um Deus impassível diante da tragédia humana. Sem repensar o conceito de Deus não se encontra resposta ao mistério dos sofrimentos e morte humanos, a começar pelos do Filho de Deus. Recorre-se para isso à imagem judaico-cristã de Deus, sujeito ao sofrimento, diferente da tradição filosófica que lhe acentuava a impossibilidade de sofrer.

Só a partir de Deus se alcança alguma luz sobre o mistério último da dor e da morte. E ele se torna transparente, ao ser entendido a partir do amor. Alarga-se assim a mais bela afirmação do Novo Testamento: Deus é amor. Fora da perspectiva do amor de Deus, não se entendem a paixão e a morte do Filho e de Deus. Se morrer e sofrer fazem parte do destino de tudo o que vive, cabe elaborar novo conceito de viver saudável. Consiste na possibilidade que tem o

---

ser humano de manifestar a força para realizar sua existência, quer na dor e na morte, quer na alegria e no amor.

A leitura do livro se faz importante, não tanto pela sofisticação teológica, mas especialmente pelo alcance existencial e pastoral. Todos necessitamos de parar e refletir sobre a dor e a morte, realidades que nos acompanham de diversas maneiras. Em vez de recorrer à superficialidade da linguagem formal de consolo para si e para os outros, vale a pena mergulhar fundo no mistério último e iluminador: a paixão de Deus pela humanidade. E aqui a palavra paixão assume o duplo sentido numa única realidade: Deus ama imensamente (paixão-amor) os seres humanos, sofrendo com eles a dor e a morte (paixão-sofrimento). Mas porque é Deus, não pára no simples amar e sofrer, deixando os humanos entregues aos limites de seu existir. Arranca-os definitivamente do horizonte do sofrimento e da mortalidade, ressuscitando-os para dentro de sua própria eternidade. O amor alcança então a última realidade: o amor de Deus faz eternidade, quer eternidade e é eternidade. Depois de ler o livro, estaremos mais preparados para tratar pastoralmente as situações difíceis e dolorosas do sofrimento e da morte das pessoas. O mistério pascal de Jesus, refletido no coração do próprio Deus, lança luzes sobre a obscuridade de tais experiências. Penetremos nele pelo caminho que o Pastor Edson nos abre com este estudo sobre J. Moltmann. Boa leitura!